

Expresso
Economia

28-11-2015

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 131300

Temática: Internacional

Dimensão: 646

Imagem: S/Cor

Página (s): 38



Incentivos e Escolhas

Luís Cabral
lcabral@stern.nyu.edu

RENÉ GIRARD

A tragédia do consumismo é que não estamos felizes até que tenhamos satisfeito os desejos materiais que observamos nos outros

René Girard morreu há cerca de 3 semanas na sua casa em Stanford. Girard nunca teve a fama e o reconhecimento de um Derrida ou um Foucault, mas foi certamente um dos grandes pensadores do Século XX. O pilar central da antropologia de Girard é o conceito de mimetismo. Desde pelo menos Platão que reconhecemos a capacidade dos seres humanos para se imitarem uns aos outros. Neste campo, o que há de novo em Girard é a ideia de que imitamos não só comportamentos mas também desejos: desejamos o que os outros desejam.

A obra de Girard explora uma implicação fundamental do mimetismo de desejos: o conflito, a rivalidade e em última análise a violência na sociedade. Muito se escreveu, e muito mais se deverá escrever, sobre esta teoria tão actual quanto perene. O que gostaria de fazer hoje é pensar um pouco nas implicações do sistema de Girard para a compreensão do fenómeno económico.

Em 1971, um miúdo português, então com 10 anos, construía na sua imaginação o paradigma do bem-estar material: os Estados Unidos. Combinando imagens de televisão e filmes, artigos de revistas e jornais, bem como

Mais do que estrutural, a solução para o dilema encontra-se ao nível pessoal

relatos directos de familiares, chegara à ideia de um país em que as famílias possuíam carro e casa; usavam televisões e todo o tipo de aparelhagem eléctrica; compravam em supermercados repletos com uma variedade enorme de produtos; comunicavam e viajavam com facilidade; etc.

É difícil medir o bem-estar material, mas, com base nos indicadores que temos, Portugal em 2015 tem um nível económico pelo menos tão bom como os Estados Unidos em 1971. No entanto, agora que conseguimos aquilo que muitos desejavam há 44 anos, não nos consideramos satisfeitos. O que importa não é tanto o nível absoluto de bem-estar que atingimos, mas sim o facto de continuarmos tão aquém dos países mais desenvolvidos. Economicamente, os Estados Unidos evoluíram muito desde 1971. O que eles têm — e, mais importante, o que eles desejam — já não é o mesmo que então. E por tabela — isto é, por mimetismo — os nossos padrões de satisfação são também diferentes.

Esta é (na minha interpretação) a tragédia do consumismo: não estamos felizes até que tenhamos satisfeito os desejos materiais que observamos nos outros, especialmente nos mais ricos. E, como é evidente, este processo não tem fim: desenrola-se numa espiral crescente, num escalonamento tão trágico como a corrida ao armamento dos anos da guerra fria.

Como resolver este dilema? Em primeiro lugar, algum esforço colectivo é necessário para reduzir a desigualdade económica entre países e dentro de cada país. Politicamente, este é um processo complicado: por um lado, a ala liberal insiste no princípio de que, se os ricos enriquecem sem que os pobres empobrecem, então não há motivo de preocupação, o que é manifestamente falso (nomeadamente devido ao mimetismo de desejo); por outro lado, as políticas de redução da desigualdade resultam frequentemente num nivelamento por baixo, o que também não faz muito sentido.

Penso que, mais do que estrutural, a solução se encontra ao nível pessoal. Voltemos a René Girard. Após sobreviver a um cancro em 1959, o filósofo teve um momento de conversão interior. “Tinha o orgulho de ser céptico”, escreveu mais tarde. “Tinha aquilo que os antigos catecismos chamam ‘respeito humano’”. Oxalá conseguíssemos livrar-nos desse “respeito humano” que nos leva a medir o bem-estar material pelos desejos dos outros. Não resolveríamos os problemas de pobreza real (há muitas pessoas que objectivamente não têm o que necessitam para viver dignamente); mas aliviaríamos muitas situações de infelicidade que tem raízes mais subjectivas do que objectivas.

Professor da Universidade de Nova Iorque e da Aese

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia